

Indústria menos competitiva com a alta do custo do trabalho

No acumulado dos últimos quatro trimestres, o Custo Unitário do Trabalho (ULC) da Indústria de Transformação brasileira medido em dólares cresceu 13,0%.

Desempenho do comércio exterior gaúcho no primeiro semestre

A indústria teve o melhor resultado nesse período desde 2014. Entretanto, houve apenas uma recomposição das perdas incorridas pelo setor desde 2011.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Indústria menos competitiva com a alta do custo do trabalho

No acumulado dos últimos quatro trimestres, o Custo Unitário do Trabalho (ULC) da Indústria de Transformação brasileira medido em dólares cresceu 13,0%.

O custo do trabalho é um dos principais fatores que exerce pressão sobre os custos operacionais do setor industrial brasileiro, influenciando diretamente a competitividade do setor frente a seus concorrentes internacionais. Há diversas variáveis que influenciam a análise dos custos em termos de mão de obra empregada na produção, e sintetizar essas influências não é uma tarefa fácil.

Um indicador importante que ajuda a atender a evolução da competitividade da Indústria de Transformação é o chamado Custo Unitário do Trabalho (ULC, na sigla em inglês). O ULC mede o custo da mão de obra para se produzir uma unidade do produto, de modo que aumentos no indicador refletem uma redução da competitividade dos produtos nacionais frente a seus concorrentes.

Há diversas abordagens para se calcular o ULC. Uma delas é proceder a razão entre o salário médio e a produtividade da mão de obra por hora trabalhada. Em uma economia saudável, o indicador permanecerá constante ao longo do tempo, de modo que os aumentos salariais e a produtividade andem juntos.

O cálculo do ULC é realizado para duas unidades monetárias: 1) em dólares correntes, onde os salários são considerados em termos nominais e a taxa de câmbio média para o mês de referência é utilizada para a conversão; 2) em moeda nacional, no qual os salários são ajustados para descontar os efeitos da inflação.

No Brasil, o Custo Unitário do Trabalho (ULC) medido em dólares cresceu 13,0% no acumulado em quatro trimestres até o primeiro trimestre de 2017. Foi a segunda alta consecutiva do indicador nessa base de comparação, após sete quedas que iniciaram no segundo trimestre de 2015. O resultado, que revela perda de competitividade por parte do setor industrial, se deu pela combinação de uma elevação de 15,8% nos salários médios valorados em dólares e um crescimento de apenas 2,4% na produtividade.

Por um lado, a elevação dos salários se deu principalmente por conta da valorização do real frente ao dólar no período (taxa de câmbio R\$/US\$ caiu 8,2%), o que torna a massa de salários maior quando medida na moeda estrangeira. Além do movimento cambial, as horas trabalhadas na produção caíram (-5,7%) e a massa salarial em termos nominais ficou praticamente estável (+0,8%), fatores que combinados fizeram o salário médio se elevar.

Por outro lado, a elevação na produtividade (+2,4%) não se deu em função de um aumento da quantidade de produto que saiu das fábricas, mas em razão da queda maior nas horas trabalhadas (-5,7%) relativamente à redução da produção física (-3,6%).

No entanto, quando analisado em moeda nacional,

ou seja, sem considerar o efeito cambial, o ULC acumulou queda de 3,9% nos quatro trimestres encerrados no primeiro trimestre de 2017, fruto de uma queda nos salários médios reais (-1,6%) e de um aumento na produtividade (+2,4%), revelando uma melhor situação em termos de custos de produção por parte das empresas do setor.

Quando olhamos para os fatores que levaram a essa redução do ULC em moeda nacional, percebemos que a redução dos salários médios reais ocorreu em um contexto de redução ainda maior na massa salarial real (-6,9%) em comparação com a já mencionada diminuição nas horas trabalhadas na produção (-5,7%).

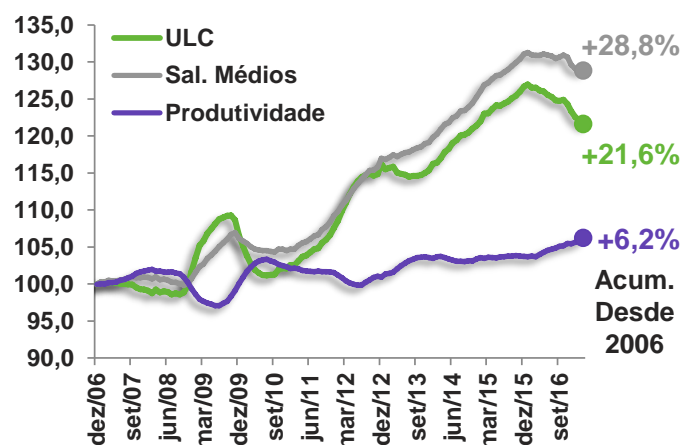
Portanto, a queda recente do custo do trabalho medido em moeda nacional se deu não somente por conta de uma descompressão nas folhas de salários das empresas, mas também pela diminuição da produção e das horas trabalhadas.

Em contraste com a queda recente do ULC, quando olhamos para um período mais longo, ainda se evidencia um grande descompasso entre o crescimento dos salários e da produtividade na Indústria de Transformação brasileira, culminando em aumento expressivo do custo do trabalho ao longo do tempo. Desde 2006, o ULC medido em Reais acumula uma elevação de 28,8%, resultado de uma elevação de 21,6% nos salários médios reais e de uma evolução de apenas 6,2% na produtividade. Para o indicador em dólares, o crescimento é ainda maior, com acúmulo de 50,7%.

Em suma, como a produtividade brasileira evolui de forma muito lenta ao longo do tempo, a dinâmica do custo do trabalho está intimamente ligada às variações que ocorrem na massa salarial e na taxa de câmbio, cenário que prejudica a Indústria de Transformação brasileira no mapa do comércio internacional.

ULC em R\$, Salários Médios em R\$ e Produtividade na Indústria de Transformação – BR

(Média móvel em 12 meses – Índice: média 2006=100)



Fonte: UEE/FIERGS.

Desempenho do comércio exterior gaúcho no primeiro semestre

A indústria teve o melhor resultado nesse período desde 2014. Entretanto, houve apenas uma recomposição das perdas incorridas pelo setor desde 2011.

As exportações do Rio Grande do Sul somaram US\$ 8,3 bilhões no primeiro semestre, o que representou avanço de 7,8% em relação ao mesmo período de 2016. A análise desagregada mostra que o grupo das *commodities* (totalizando US\$ 2,38 bilhões) aumentou 10,8%, com destaque para a soja (+9,4%), cultura de vital relevância para a nossa pauta (um quarto do total).

Por sua vez, a indústria de transformação gaúcha, ao embarcar US\$ 5,85 bilhões, teve o melhor primeiro semestre desde 2014. Parte do crescimento de 6,6% pode ser atribuída à pequena base de comparação, uma vez que as vendas externas do segmento em 2016 haviam sido as mais baixas desde 2009, ano marcado pelos efeitos mais acentuados da crise financeira internacional sobre a produção local e a demanda externa.

Somente a Argentina foi responsável por adicionar US\$ 237 milhões dos US\$ 363 milhões a mais que o setor secundário do RS exportou de janeiro a junho. Se o valor dos embarques para o país vizinho em 2017 fosse igual ao de 2016, o resultado da indústria seria pior: +2,3%, ou seja, 4,3 pontos percentuais a menos ante o efetivo. Das 23 categorias do RS que registraram alguma operação de venda para o exterior ao longo do primeiro semestre, 13 registraram alta, oito tiveram perdas e duas mantiveram-se estáveis.

Pelo lado positivo, o principal destaque veio dos Veículos automotores, reboques e carrocerias. Os US\$ 662 milhões exportados caracterizaram seu melhor desempenho em toda a série histórica, iniciada em 1996. A quase integralidade do crescimento (+54,0%) pode ser atribuída às quantidades (+46,5%), enquanto os preços subiram 5,0%. Na abertura pelos destinos, a principal influência foi da Argentina (+52,9%), cujo apetite pelas importações aumentou em função da retomada econômica em curso do país. Além disso, a renovação do acordo entre Brasil e Argentina, ainda no segundo semestre do ano passado, envolvendo a exportação e importação de veículos e de peças sob determinadas condições, deu previsibilidade ao setor.

De maneira geral, entretanto, o efeito dos preços foi mais relevante do que o das quantidades. Para a indústria de transformação, o primeiro aumentou 9,7%, enquanto o segundo caiu 2,8%. Esse mesmo fenômeno também foi registrado com Químicos e Produtos de metal, que exerceram, respectivamente, a segunda e a terceira maiores influências positivas para as exportações do setor secundário em valor: +18,2% e +33,7%, respectivamente.

Pelo lado negativo, Tabaco (-17,8%) e Celulose e papel (-16,3%) sofreram as baixas mais fortes. O primeiro teve o pior desempenho para os seis primeiros

meses do ano desde 2000, ao embarcar apenas US\$ 476 milhões. A redução das quantidades explica a totalidade da queda (-23,5%), enquanto os preços subiram 7,4%. Os dados da produção industrial (IBGE) mostram que houve queda de 21,1% do volume nos últimos doze meses terminados em maio no RS, o que reduziu a oferta disponível para o mercado externo.

No caso de Celulose e papel, houve problemas na caldeira de recuperação da Linha 2 da CMPC Celulose Riograndense, o que diminuiu a atividade ao longo do primeiro trimestre. Nos meses seguintes, a produção voltou ao normal: no segundo trimestre o recuo foi de apenas 2,0% no comparativo interanual.

Os empresários industriais do RS esperam alta da demanda por exportações nos próximos seis meses. O índice apurado na Sondagem Industrial atingiu 57,4 pontos em junho, onde valores acima de 50 pontos representam uma percepção de aumento das vendas externas no futuro. Foi a expectativa mais positiva já registrada em 2017.

Parte desse otimismo está atrelada ao movimento de recuperação da demanda externa global em 2017. Os dados da OMC, que compilam o total das importações de 70 países que respondem por, aproximadamente, 90% do PIB global, mostram aumento de 9,2% no acumulado entre janeiro e abril em relação ao mesmo período do ano anterior. É o melhor desempenho nessa base desde 2011. Boa parte dos países está crescendo mais do que o previsto para esse ano, com destaque para a China, Japão e Zona do Euro.

Ainda sobre o acumulado do ano, as importações totais foram de US\$ 4,4 bilhões, alta de 20,0%, fruto da estabilização da atividade econômica e da diminuta base de comparação. Na separação por categoria de uso, Bens de consumo (+66,0%), Intermediários (+22,4%) e de Capital (+5,4%) registraram avanços. Já Combustíveis e lubrificantes sofreu recuo de 10,5%.

O crescimento das exportações industriais gaúchas apenas recompõe parte das perdas acumuladas nos últimos anos. Em relação ao pico da série histórica de 2011, os embarques do setor secundário em 2017 ainda estão em patamar 18,6% inferior. O grande desafio é fazer com que a sua dinâmica não seja tão atrelada aos movimentos da demanda externa. Para isso, é importante aumentar a competitividade das nossas mercadorias no exterior, através, entre outras ações, da redução dos custos de produção, do firmamento de acordos comerciais e da simplificação dos processos burocráticos. O comércio exterior, portanto, precisa ser uma das prioridades do governo, ainda mais no contexto de fraca atividade no mercado interno.